

## **A Produção de Sentidos no Segundo Turno das Eleições Presidenciais 2014 - Análise de Discurso do Jornal da Globo<sup>1</sup>**

Daniel FITIPALDI<sup>2</sup>  
Nataly QUEIROZ<sup>3</sup>  
Uninassau, Recife, PE

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é analisar os sentidos produzidos pelo Jornal da Globo na cobertura do segundo turno das eleições presidenciais de 2014. Para alcançar o que é pretendido, o método selecionado foi o da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Nas quinze edições observadas, foram selecionadas 124 Sequências Discursivas (SDs) e detectadas sete Formações Discursivas (FDs) divididas em três eixos que nortearam a pesquisa: cobertura do cenário econômico (FD1 - Pior do que antes; FD2 - Pior do que outros; FD3 - Pior no Futuro); competência do governo (FD4 - Incompetente; FD5 - Corrupto); imagem dos candidatos (FD6 - Campanha agressiva; FD7 - Bom para o mercado). Os resultados encontrados indicam que o Jornal da Globo realizou uma cobertura desfavorável ao atual governo da presidente e candidata a reeleição Dilma Rousseff através da escolha dos temas das matérias, da participação dos comentaristas e dos comentários de abertura do apresentador William Waack.

**Palavras-chave:** Jornal da Globo; Eleições; Análise de Discurso.

### **Introdução**

A televisão aberta, mesmo com uma contínua perda de audiência, permanece sendo o meio de comunicação mais utilizado como fonte de informação pela maioria dos brasileiros. Em dezembro de 2014, a SECOM (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República) divulgou a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015<sup>4</sup>, que fala sobre o hábito do consumo de mídia da população brasileira. Os resultados revelaram que 95% dos entrevistados assistem TV; destes, 79% estão em busca de informação. Ou seja, a pesquisa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Daniel Fitipaldi é concluinte do curso de Jornalismo do Centro Universitário Maurício de Nassau. E-mail: dwfitipaldi@gmail.com.

<sup>3</sup> Nataly de Queiroz Lima é jornalista, doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco e professora do Centro Universitário Maurício de Nassau. E-mail: queiroz.nataly@gmail.com

<sup>4</sup> Ver em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

mostra a relevância que este veículo tem na formação da opinião de grande parte dos brasileiros, o que implica em um grande poder à quem detém o controle destes meios.

O principal conglomerado de empresas do setor de mídia da América Latina é o grupo Organizações Globo, que abriga, dentre outros, a Rede Globo de Televisão, que alcança 98,62% do território brasileiro, cobrindo 5.493 municípios e cerca de 99,53% da população<sup>5</sup>.

Este trabalho analisa os sentidos produzidos pelo *Jornal da Globo* na cobertura do segundo turno das eleições presidenciais de 2014, partindo de vários estudos que mostram a tendência da Rede Globo em fazer oposição aos partidos de centro-esquerda e esquerda. O objetivo desta pesquisa, portanto, é observar como esta tendência aparecerá no discurso do telejornal. Os resultados estão baseados na observação de quinze edições do telejornal, que compreendem o período entre o primeiro programa que foi ao ar após o dia da votação do primeiro turno, em 06 de outubro, e o último exibido antes do segundo turno, dia 24 do mesmo mês.

Para delimitar o tema, foi feita a seleção das notícias referentes a política e a economia, principais editoriais do telejornal e temas que foram centro do debate durante o processo eleitoral. Desta forma, 41 textos, que compreendem matérias, texto de abertura, *stand ups*, notas cobertas, notas peladas, *links* ao vivo e interação com os comentaristas, foram selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa.

## Metodologia

Para tratar de mídia e política é preciso partir do reconhecimento que estamos falando de dois campos de força. Pierre Bourdieu (1997, p.57) define campo como:

“espaço estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças”.

Nesse campo, seus agentes acabam incorporando naturalmente suas regras às suas práticas, o que Bourdieu chama de *habitus*, e lutam simbolicamente para impor a sua definição de mundo social conforme seus interesses, numa relação de poder simbólico,

---

<sup>5</sup> Dados retirados de: <http://comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/Paginas/Totalizador.aspx> visitado em: 19/11/15

---

“esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (1989, p.7-8).

O campo jornalístico e o campo político exercem influências mútuas. Em relação à do primeiro sobre o segundo, acontece, por exemplo, na medida em que o capital simbólico do campo político está ligado à visibilidade; ou seja, estar nos noticiários ou nos programas de TV pode aumentar o seu capital político. O agente do campo político, então, se submete às regras do campo jornalístico. Por outro lado, o capital simbólico do campo jornalístico é a credibilidade e o reconhecimento pelos pares, ou seja, pelos outros agentes do campo. Uma informação exclusiva que um agente do campo político fornece a um jornalista, portanto, aumenta o seu capital simbólico. A influência do campo político no campo jornalístico acontece, neste caso, na medida em que se é possível pautar, de certa forma, o noticiário através da informação que é passada pelo político ao jornalista.

O campo jornalístico também influencia outros campos como o jurídico, o literário, o científico, etc.; mas é ele mesmo dominado pelas pressões do mercado econômico. Esta influência implica na perda de autonomia do campo jornalístico, que por muitas vezes exclui do noticiário temas que possam desagradar seus anunciantes.

Diversos estudos indicam que esta relação entre os campos jornalístico e econômico resultou em uma afinidade ideológica que, por muitas vezes, implicou uma cobertura jornalística favorável aos candidatos pró-mercado financeiro e de oposição aos partidos de esquerda e centro-esquerda (AZEVEDO, 2006; RUBIM-COLLING, 2005)

Para analisar a cobertura de um telejornal em períodos eleitorais e verificar como a preferência por uma das candidaturas apareceu no noticiário, especialmente após a Rede Globo ter adotado à partir de 2002 critérios com o objetivo de demonstrar isenção, como o de equidade no tempo destinado aos principais candidatos; o método escolhido foi a Análise de Discurso de linha francesa (AD), um dispositivo de análise que entende o discurso como produtor de sentidos, levando em conta o homem na sua história e observando a relação entre língua e sujeito que fala, como também as condições em que os dizeres são produzidos.

Já que o jornalismo é um lugar de circulação e de produção de sentidos, e partindo do princípio de que não há discurso sem sujeito e que não há sujeito sem ideologia

(ORLANDI, 2001, p.17), a AD se torna um método interessante no processo de identificação da ideologia da qual o jornalista não pode se desvincular.

A Análise de Discurso se utiliza de aspectos de três campos de saberes: a Psicanálise, a Linguística e o Marxismo. Ela se conecta com a linguística através de sua afirmação de que a linguagem é opaca, não-transparente, e é passiva ao equívoco; apoia-se na materialidade histórica do marxismo, partindo do conceito de que a língua é material e que, conjugada com a história, produz sentido; e assim como a psicanálise, procura compreender a língua como um acontecimento que afeta um sujeito pela história, deslocando a noção de homem para a de sujeito. Para a AD, portanto, a interpretação não se restringe ao que é dito, ela relaciona a linguagem com sua exterioridade para compreender não o quê, mas *como* este texto significa (ORLANDI, 2001).

Os caminhos metodológicos que guiam este trabalho passam pelo modelo de análise proposto por Benetti (2010), que, em relação ao discurso jornalístico, sugere como um primeiro passo que se observe a existência de duas camadas: a camada discursiva, que é visível; e a camada ideológica, que torna-se evidente depois que os métodos de análise são aplicados (2010, p.111). A autora, então, propõe uma análise de discurso baseada na identificação das *Formações Discursivas (FDs)* contidas no objeto destacado.

Seguindo o que é proposto por Benetti, foram recortados “arbitrariamente” trechos dos programas, aqui chamados de *Sequências Discursivas (SDs)*. Estas foram numeradas em ordem crescente, seguindo a cronologia do noticiário. As SDs que possuem o mesmo sentido foram agrupadas em Formações Discursivas (FDs), que foram nomeadas evidenciando o seu sentido principal.

### **Os sentidos produzidos pelo Jornal da Globo no segundo turno das eleições presidenciais de 2014**

A escolha em pesquisar a cobertura do *Jornal da Globo* em um processo eleitoral se deu por suas especificidades, já que o telejornal, que é o último a ser exibido na grade de programação da emissora, tem como principal característica o aprofundamento do que já foi noticiado durante o dia, ou seja, possui um viés crítico e analítico; além de possibilitar maior liberdade editorial aos seus apresentadores e comentaristas.

A opção por estudar especificamente o segundo turno aconteceu pelo contexto das eleições de 2014, quando, após o fim do primeiro turno as pesquisas de intenção de voto apontavam um empate técnico entre os dois candidatos à presidência. É em situações como essa, dizem Rubem e Colling (2005, p.29), de acirramento na disputa, que “o potencial de interferência da mídia se vê, sem dúvidas, ampliado”.

Os temas que nortearam esta pesquisa foram divididos em três eixos: o primeiro diz respeito aos sentidos produzidos através cobertura do cenário econômico (FD1 - Pior do que antes; FD2 - Pior do que outros; FD3 - Pior no futuro); o segundo se refere à produção de sentidos quanto à competência do governo (FD4 - Incompetente; FD5 - Corrupto); e o terceiro observa os sentidos relacionados à imagem dos candidatos a cobertura de suas campanhas eleitorais (FD6 - Campanha agressiva; FD7 - Bom para o mercado).

Nas quinze edições do *Jornal da Globo* foram encontradas 124 Sequências Discursivas, que foram agrupadas de acordo com as Formações Discursivas (FDs) acima citadas. As FDs auxiliaram na identificação das formações ideológicas e na compreensão do estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso, o que permite entender a produção de sentidos no *Jornal da Globo*.

### **FD1 - Pior do que antes**

A FD1 está relacionada a um dos métodos utilizados pelo telejornal analisar o ambiente econômico: o da comparação com o passado, e engloba as reiteraões de sentidos que indicam que a economia do país piorou no governo Dilma Rousseff. Ao todo, foram encontradas 24 Sequências Discursivas em que estão presentes os sentidos vinculados à FD1, o que corresponde a 19,35% do total.

O sentido de piora já pôde ser percebido no primeiro programa analisado (06/10). A comparação entre a situação econômica nos anos de 2010 (fim do mandato de Lula) e de 2014 (fim do mandato de Dilma) produziram um sentido de perda econômica:

WILLIAM WAACK - (...) algo **parece óbvio: o ambiente econômico de 2014 é pro governo pior** do que foi o **ambiente econômico em 2010**. (SD1, T01)

SARDENBERG - Você veja, **em 2010**, que foi aquele ano da recuperação da economia brasileira - no ano todo **o país cresceu 7,5%** -, no segundo trimestre o país **tava crescendo 1,2%** e **agora tá no negativo**, foi a última medida do IBGE para o PIB. **A indústria estava também num forte crescimento em 2010 e hoje é o pior setor** da economia brasileira,

**tá em perda** de produção e deve **terminar esse ano no negativo**. E, finalmente, os investimentos; sobretudo investimento em infraestrutura, em 2010 **estavam acelerando** e **agora, eles estão em clara queda**. Então, neste setor aqui de atividade, **o ambiente em 2014 é de menos produção industrial, menos investimento e é mais negativo**. (SD3, T01)

SARDENBERG - A renda dos trabalhadores **tava em alta** de mais de 6%, isso aqui é renda real, acima da inflação. **Continua em alta? continua, mas o ritmo é bem menor**.(SD7, T01)

Ao introduzir a participação do comentarista de economia, William Waack usa o termo *parece óbvio*, antes de afirmar que, para o governo, a economia de 2014 é pior quando comparada à 2010. Quando produzirmos paráfrases deste termo temos *parece não haver dúvidas* ou *parece ser incontestável*, que indicam que dificilmente o que ele dirá depois não será algo verdadeiro. A análise que é realizada em seguida, então ratifica, através de famílias parafrásticas, o que foi dito pelo apresentador.

É possível dizer também que, além de indicar piora em relação ao governo Lula, estas sequências contêm o sentido de uma perda generalizada, já que a comparação foi desvantajosa para o PIB, para a indústria, para os investimentos em infraestrutura, para a inflação e para a renda do trabalhador.

## **FD2 - Pior do que outros**

A segunda Formação Discursiva encontrada também trata de uma comparação. Só que dessa vez esta é feita em relação à economia de outros países. Os sentidos encontrados indicam uma desvantagem para o Brasil e puderam ser vistos em 7 das 124 SDs recortadas (5,64% do total).

WILLIAM WAACK - Boa noite. Também o fundo monetário internacional disse que o **Brasil vai crescer pouco este ano. Pouquinho mais do que zero e bem menos do que a média da economia mundial**. Entre os emergentes, **o Brasil só crescerá mais do que a Rússia, que está em guerra, e que a Argentina e Venezuela**, que são dois **exemplos perfeitos de irresponsabilidade fiscal, intervencionismo estatal, populacionismo tarifário e inflação alta**. (SD14, T04)

A indicação de desvantagem em relação as outras economias é enfatizado pelo enunciado “só crescerá mais do que a Rússia, que está em guerra”, que também poderia ser dito da forma: “a Rússia só crescerá menos do que o Brasil por estar em guerra”. O enunciado seguinte proferido por Waack enfatiza a inferioridade das projeções para a economia brasileira ao incluir no grupo de países que estão abaixo do Brasil, a Argentina e

a Venezuela: “dois exemplos perfeitos de irresponsabilidade fiscal, intervencionismo estatal, populacionismo tarifário e inflação alta”.

De acordo com Orlandi (2001), para poder enunciar nós necessariamente passamos por dois esquecimentos. Um deles é o esquecimento ideológico, que é da instância do subconsciente e está ligado ao modo como somos afetados pela ideologia: temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, não falamos sozinhos, há sempre uma voz que nos precede. Quando enunciamos, portanto, estamos retomando sentidos que já existiam e os reorganizamos para construir o nosso dizer. Logo, quando Waack atribui as características vistas no enunciado às economias de Argentina e Venezuela, é possível perceber o modo como o seu dizer é afetado por discursos outros que estão inseridos em sua formação ideológica. No discurso econômico, a interferência do Estado na economia é uma característica vinculada à governos de esquerda. Quando relacionamos o que foi dito pelo apresentador com o que lhe é exterior, vemos que os termos utilizados para classificar a economia da Argentina e da Venezuela são um contraponto do que Chomsky (2004) entende como regras básicas do neoliberalismo, pois inflação alta e intervencionismo estatal são opostos da estabilização macroeconômica (fim da inflação) e da liberalização do mercado. Podemos concluir então que a formação discursiva de Waack é atravessada pelo discurso neoliberal, e que, portanto, este faz parte do sua formação ideológica.

Ainda analisando o mesmo enunciado, é possível entender as características atribuídas à Argentina e à Venezuela - países que são governados por partidos de esquerda e que mantém boa relação com o Brasil -, como as mesmas que são usadas pela oposição para criticar as posições econômicas do governo brasileiro. O “populismo tarifário”, por exemplo, foi algo bastante utilizado pelos opositores para criticar a política da manutenção nos preços dos combustíveis, considerada por eles uma atitude populista, que seria tomada apenas com objetivos eleitorais<sup>6</sup>.

**WILLIAM WAACK - Compilação aí dos novos e últimos números sobre o crescimento da economia mundial e de alguns dos principais países, Sardemberg, nos colocam, infelizmente, na “rabeira” dos PIBs que estão crescendo. (SD64, T19)**

**SARDENBERG - A grande surpresa pelo lado positivo é a Inglaterra, que exhibe um crescimento muito poderoso com seu governo**

---

<sup>6</sup> Dilma é leniente com a inflação, afirma Aécio. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/102547-dilma-e-leniente-com-a-inflacao-afirma-aecio.shtml>>

---

**conservador de David Cameron, conseguiu se recuperar muito rapidamente da crise e tem aqui um crescimento muito forte.**

Como vimos, a interpretação é uma das características mais marcantes do *Jornal da Globo*. Ao falar que o Brasil está “na rabeira dos PIBs que estão crescendo”, Waack utiliza uma metáfora para facilitar o entendimento do telespectador. Através da observação do funcionamento do discurso é possível apontar que o dizer do apresentador faz um movimento do discurso econômico para discurso futebolístico, aonde o termo “rabeira” equivale aos times que estão nas últimas posições do campeonato; ou seja, leva o discurso econômico para outro lugar, que é o lugar das coisas simples, relacionadas ao cotidiano do homem comum.

Voltando a participação do comentarista de economia, observa-se que ao se referir ao “crescimento muito poderoso” da economia britânica, Sardenberg faz uma associação ao “governo conservador de David Cameron”, que “conseguiu se recuperar muito rapidamente da crise e tem aqui um crescimento muito forte”. No campo político, um governo conservador é oposto a um governo de *esquerda*; e no Brasil, os governos do PT são classificados pela oposição e pela imprensa<sup>7</sup> como de *esquerda*. Esta então é a imagem que um grande grupo de telespectadores que acompanha o noticiário econômico aciona em sua memória discursiva, associando o que foi dito como algo que é oposto ao governo da presidente Dilma Rousseff.

### **FD3 - Pior no futuro**

A FD3 reuniu os sentidos de “ruim pro futuro”, “maiores despesas” e “instabilidade”. Esta Formação Discursiva é referente às previsões para a economia, que apareceram em oito oportunidades (6,45% do total) no telejornal. No dia 06/10, em um diálogo entre o apresentador William Waack e o comentarista de economia, Carlos Alberto Sardenberg, o sentido de instabilidade aparece em um dado ligado à criação de emprego, um dos trunfos do PT na campanha eleitoral.

SARDENBERG - O que a queda da atividade econômica tá fazendo, é reduzir a criação de emprego. **Ainda não gerou desemprego**, mas reduziu. Então repare, em 2010, em meados do ano, a economia havia criado quase dois milhões de empregos com carteira assinada, agora 750

---

<sup>7</sup> Há controvérsias em torno da classificação dos governos petistas como de “esquerda” já que muitas das suas medidas econômicas são tidas como neoliberais por setores “mais à esquerda”.



---

mil. Então, tá no positivo, mas a desaceleração aqui é muito óbvia, só que **ainda permanece no território positivo**. Esse é o ambiente da economia. (SD08, T01)

Nota-se que está SD não fala diretamente sobre o futuro, porém, como diz Orlandi (2001), para todo dito “x” há um não-dito “y” que informa o sentido de “x”. Portanto, ao fazer uma paráfrase do dito “ainda não gerou desemprego” e temos que “vai ser gerado o desemprego”, pois a função do advérbio “ainda” nesta sentença, é de introduzir um pressuposto. O mesmo se aplica ao enunciado “ainda permanece no território positivo”, que poderia ser “deixará de ser positivo”.

#### **FD4 - Incompetente**

Esta formação discursiva marca o início das análises dos sentidos produzidos pela cobertura do *Jornal da Globo* em relação à competência do governo. A FD4, a que teve maior índice de incidência nesta pesquisa (51 SDs ou 41,12% do total) representa o governo de forma negativa, construindo sentidos que indicam a falta de competência do governo.

O sentido de ineficiência aparece no telejornal pela primeira vez em uma matéria que tratou de uma previsão para o crescimento do PIB do país.

CHRISTIANE PELAJO - **Falta de infraestrutura, de investimentos e de confiança dos empresários** são as causas pro baixo crescimento brasileiro, segundo o FMI. (SD16, T05)

A ineficiência do governo foi mostrada como fator atenuante do aumento do consumo de energia já que, por causa da desaceleração da economia, as indústrias estavam produzindo menos e, por isso, gastando menos energia.

WILLIAM WAACK - E o **uso das térmicas só não é maior** esse ano **por causa da indústria** que tem **produzido e consumido muito menos**. (SD59, T18)

ESPECIALISTA - **Por meses seguidos** nós temos **produção industrial muito baixas, o consumo, ele caiu**. Então **isso tudo facilita** um pouco a **gerência dessa crise**. (SD63, T18)

O sentido de descontrole foi encontrado no texto do apresentador William Waack, no início do programa exibido dia 08/10. O tema foi a inflação, que havia fugido do controle do governo e ultrapassado a meta estipulada pelo mesmo.

WILLIAM WAACK - Boa noite. **A inflação estourou em Setembro o teto da meta fixada pelo próprio governo.** Os números anunciados hoje são os do IPCA, que é considerado o índice oficial de inflação. Não é surpresa para economistas e para quem ignora os discursos oficiais. Sozinho, **o índice de inflação já preocupa. Fica pior quando a economia cresce pouco, como ocorre agora.** Inflação alta e crescimento baixo, é uma péssima combinação. (SD21, T07)

Essas representações corroboram o sentido de que os problemas encontrados foram causados por incompetência do governo federal.

### **FD5 - Corrupto**

A FD5 está relacionada aos sentidos que foram produzidos pela cobertura do *Jornal da Globo* em relação envolvimento do partido da presidente Dilma Rousseff, o PT, e partidos da base aliada do governo, no escândalo de corrupção da Petrobras. Também teve grande incidência, aparecendo em 38 SDs (30,64% do total).

Em março de 2014, a Polícia Federal deflagrou a *Operação Lava-Jato*. O objetivo era investigar um esquema de desvio de recursos públicos e lavagem de dinheiro que teria movimentado cerca de R\$ 10 bilhões. A prisão de doleiros e de funcionários da Petrobras revelaram a existência de uma rede de corrupção que estava ligada à estatal e envolvia partidos políticos e empreiteiras.

O sentido de que o PT era um partido corrupto foi visto em uma matéria exibida no dia 08/10.

CHRISTIANE PELAJO - O ex-diretor da Petrobras, Paulo Roberto Costa e o doleiro Alberto Yousseff **contaram** à Justiça Federal que o **dinheiro desviado** da Petrobras **beneficiou o PT, o PMDB e o PP** na campanha eleitoral de 2010. (SD29, T10)

REPÓRTER - **O advogado de Youssef falou** sobre os depoimentos de hoje. Disse que tanto o ex-diretor da Petrobras como o doleiro, deram depoimentos muito parecidos. Segundo ele, **Paulo Roberto Costa afirmou** que o **esquema** de desvio de dinheiro na Petrobras **ajudou a financiar** a campanha eleitoral de 2010. **Os partidos beneficiados seriam:** PT, PMDB e Partido Progressista. (SD32, T10)

Na fala da apresentadora, é ressaltado que os dois envolvidos no escândalo “contaram” que o dinheiro desviado “beneficiou o PT, o PMDB e o PP”. Neste enunciado, *contar* equivale a relatar, afirmar; o que passa segurança sobre o que foi dito. O mesmo acontece no texto do repórter, que diz que o advogado do ex-diretor da Petrobras “falou”

sobre os depoimentos e que ele “afirmou” que o esquema de desvio de dinheiro ajudou a financiar a campanha eleitoral de 2010.

Este sentido de segurança no que é dito pelos dois investigados é visto em uma nova matéria, que foi exibida no dia 09/10.

**REPÓRTER - O esquema de desvio e lavagem de dinheiro dentro da Petrobras foi explicado, em detalhes,** por Paulo Roberto Costa, ex-diretor de abastecimento da estatal, e pelo doleiro Alberto Youssef. **Os depoimentos mostram** que o pagamento de propina era condição para as empresas conseguirem fechar contratos. **Diretorias da Petrobras foram fatiadas entre partidos da base aliada ao governo: PP, PMDB e PT [...].** O dinheiro do suborno **era passado, segundo os depoimentos,** para os diretores da Petrobras, políticos e à Youssef. **Paulo Roberto Costa e o doleiro citaram** três empreiteiras que faziam parte do cartel. Entre elas, a Camargo Corrêa, Oderbrecht, OAS, a Queiroz Galvão, Andrade Gutierrez e Mendes Júnior. **Segundo Paulo Roberto Costa,** cada partido recebia um percentual diferente. (SD37, T12)

O esquema “foi explicado, em detalhes”; “os depoimentos mostram”; e as diretorias da Petrobras “foram fatiadas entre partidos”. As três sentenças passam segurança sobre o que foi dito, produzindo o sentido de que o dizer do ex-diretor foi dito daquela maneira e não de outra.

Na mesma passagem do repórter, porém, é possível perceber uma mudança quando o assunto passa a ser o envolvimento das empreiteiras. À partir de então, a responsabilidade do que é dito passa ser dos investigados: “segundo Paulo Roberto Costa” e “segundo os depoimentos”, o que produz um efeito de incerteza.

Na edição que foi exibida no dia 17/10, o Jornal da Globo noticiou o envolvimento de um político do PSDB no escândalo da Petrobras.

**WILLIAM WAACK - O escândalo de corrupção na Petrobras** envolve investigação agora nos Estados Unidos, além de **acusações** feitas pelo ex-diretor da estatal, Paulo Roberto Costa, de que também **um político do PSDB teria recebido propina.** (SD85, T27)

À efeito de comparação, é possível perceber que o partido político deixou de ser o agente da ação. Se nas matérias anteriormente citadas apareceu que “todo valor ilegal acrescentado nos contratos era entregue, exclusivamente, para o PT” (SD39, T2), agora o agente é “um político do PSDB”, que “teria recebido propina”. Posto dessa forma, o verbo *teria* indica a incerteza da ocorrência do fato e, ao colocar o político como agente da ação,

produz-se um efeito de sentido de que poderia ser apenas ele, e não todo o partido, o envolvido no esquema de corrupção.

### FD6 - Campanha agressiva

A FD6 marca o início das análises dos sentidos produzidos pelo *Jornal da Globo* em relação aos candidatos e/ou às suas campanhas. Esta formação discursiva engloba as reiteraões de sentidos que apontam para a agressividade das campanhas à presidência, e puderam ser vistos em 6 SDs (4,83% do total)

O sentido de agressividade apareceu em uma *nota pelada*<sup>8</sup> exibida no dia 16/10, que noticiou a suspensão de uma peça publicitária da campanha de Dilma Rousseff por ter sido considerada ofensiva pelo Tribunal Superior Eleitoral, o TSE.

CHRISTIANE PELAJO - **O Tribunal Superior Eleitoral suspendeu agora à noite a divulgação de uma peça publicitária, exibida no programa eleitoral da candidata à reeleição pelo PT, Dilma Rousseff, no rádio e na TV. A propaganda trás depoimentos de jornalistas de Minas Gerais que acusam Aécio Neves de ameaçar o emprego de profissionais que o criticam [...].** (SD82, T25)

Desde o início das campanhas eleitorais a campanha do PT foi associada à agressividade. No fim do primeiro turno, foi atribuída à campanha de desconstrução da imagem de Marina Silva pelo PT os motivos pelos quais a candidata foi derrotada no primeiro turno, já que em alguns momentos Marina havia chegado a liderar as pesquisas de intenção de voto.

O mesmo sentido foi encontrado na participação do comentarista de política Heraldo Pereira. Na edição que foi exibida no dia 20/10, Pereira divulgou os dados de uma nova pesquisa de intenção de votos. Pela primeira vez desde o início do segundo turno, Dilma Rousseff aparecia à frente de Aécio Neves.

HERALDO PEREIRA - Nos últimos dias, todos nós acompanhamos, **a campanha petista aumentou a intensidade das críticas, numa espécie de roteiro, pra desconstrução da imagem do candidato tucano.** É nesse cenário, de **intensa artilharia política**, que o Datafolha foi feito. Na pesquisa, Dilma Rousseff, do PT, aparece pela primeira vez, numericamente à frente de Aécio Neves, do PSDB, mas os dois seguem empatados tecnicamente. (SD90, T29)

---

<sup>8</sup> Nota pelada é a notícia que é lida pelo apresentador sem o auxílio de qualquer imagem de ilustração.

É possível perceber que vários discursos são utilizados para culpar a agressividade da campanha do PT pelo resultado da pesquisa. O termo “roteiro”, que é retirado do discurso cinematográfico e aparece com o sentido de algo que foi planejado; “artilharia” relaciona as eleições a um campo de batalhas aonde quem ataca é a “campanha petista” e quem é atacado é a “imagem do candidato tucano”.

A utilização do termo “desconstrução da imagem” faz o telespectador remeter, através da memória discursiva, aos acontecimentos do final do primeiro turno, quando a campanha do PT foi responsabilizada pela derrota de Marina Silva.

O sentido de agressividade, portanto, aparece na FD6 predominantemente relacionado à campanha da presidente Dilma Rousseff. Em apenas uma das 21 sequências discursivas este sentido envolve a campanha de Aécio Neves.

#### **FD7 - Bom para o mercado**

A Formação Discursiva número 7, que apareceu em seis SDs (4,83% do total) e apresenta reiteraões de sentidos referentes às reações do mercado financeiro às expectativas geradas em torno do resultado das eleições.

Desde o primeiro turno das eleições, a bolsa de valores vinha reagindo aos resultados das pesquisas de intenções de votos: positivamente, quando os candidatos da oposição subiam nas pesquisas e aumentavam as chances de vencer o pleito; e negativamente, quando as pesquisas indicavam o crescimento da presidente e candidata à reeleição, Dilma Rousseff.

A primeira vez que este sentido apareceu no telejornal durante o período pesquisado foi no dia seguinte à votação do primeiro turno.

CHRISTIANE PELAJO - No dia seguinte ao primeiro turno das eleições, a **reação no mercado financeiro foi de alta na bolsa de valores.** (SD09, T02)

Nota-se que os motivos para esta reação não estão dados, apenas relaciona-se “a alta na bolsa de valores” ao “dia seguinte ao primeiro turno das eleições”. Fica então subentendido que há uma relação entre a subida da bolsa de valores e as eleições. Neste enunciado, o surpreendente desempenho do candidato de oposição, Aécio Neves, que ultrapassou a candidata Marina Silva nas pesquisas de intenção de voto apenas na semana da votação, foi silenciado. Através da memória discursiva o telespectador associa este não-

dito com o dito, que é a alta na bolsa de valores; o que implica na constatação de que o enunciado produziu um efeito de sentido de que a vitória candidato da oposição é positiva para o mercado financeiro.

O mesmo sentido apareceu em uma participação do comentarista de economia, Carlos Alberto Sardenberg.

SARDENBERG - Aqui é a bolsa brasileira (-3,44%)<sup>9</sup> e aqui é a Petrobras (-6,92%). Não tem nada a ver com o ambiente internacional, **isso aqui tem a ver exclusivamente com fatores eleitorais brasileiros.** (SD96, T11)

Como vimos na descrição da descrição da FD6, no dia 21/10 foi divulgada a pesquisa de intenção de voto que mostrava que a candidata Dilma Rousseff tinha ultrapassado Aécio Neves. O não-dito revela que estes fatores eleitorais se referem à subida da candidata do PT nas pesquisas de intenção de voto.

### **Considerações Finais**

Ao analisar as edições que compuseram o corpus desta pesquisa, alguns pontos chamaram a atenção. A parcialidade do telejornal, embora já prevista antes de aplicados os métodos de pesquisa, transpareceu em uma intensidade maior do que o esperado. O reflexo desta parcialidade aparece nos títulos das formações discursivas, que foram nomeadas à partir dos sentidos que mais se destacaram.

Também foi possível observar a relação entre os campos político e jornalístico, ao verificar que em algumas ocasiões o discurso da oposição estava alinhado ao do telejornal. Nas formações discursivas inseridas no eixo econômico, por exemplo, o sentido produzido de piora econômica (FD1 - piorou; FD2 - é pior; FD3 - vai piorar) ajudou a fixar consensos como o de que “Dilma não é Lula”, discurso da oposição que tinha como objetivo desvincular a imagem da presidente da do seu antecessor.

Acreditamos que a cobertura desfavorável à candidata governista se deu por afinidade ideológica. Na FD2, ao remeter o discurso do apresentador William Waack ao que lhe é exterior, observamos que a sua formação discursiva é atravessada pelo discurso econômico neoliberal. A opção por usar as projeções do FMI como parâmetro de sucesso e

---

<sup>9</sup> Os dados que aparecem entre parênteses não foram ditos pelo apresentador mas aparecem no gráfico utilizado em sua participação.

a associação que faz entre bom desempenho econômico e governo conservador indicam que a formação discursiva do comentarista de economia Carlos Alberto Sardenberg também é atravessada pelo discurso neoliberal. Esta, portanto, é a formação ideológica que guia o noticiário; e o candidato que melhor a representa é Aécio Neves, como vimos na FD7.

A FD4 e a FD5 foram as que tiveram maior incidência (juntas aparecem em 71,76% do total) e englobaram reiteraões de sentidos que indicaram que o governo e o Partido dos Trabalhadores era incompetente e corrupto. Já a FD6 tratou das campanhas eleitorais e ajudou a fixar o consenso de agressividade da campanha governista.

## Referências

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: as relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, abr./ maio 2006, p. 88-113

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. – Brasília : Secom, 2014.153 p.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CHOMSKY, Noam. **O Lucro ou as pessoas? - Neoliberalismo e Ordem Global**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

COMERCIAL. **REDE GLOBO**. Disponível em: <<http://comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/Paginas/Totalizador.aspx>> acesso em: 12 set. 2015.

CRUZ, Valdo; NERY, Natuza. Dilma é leniente com a inflação, afirma Aécio. **Folha de S. Paulo**. 07 abril 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/102547-dilma-e-leniente-com-a-inflacao-afirma-aecio.shtml>>. Acesso em: 11 maio 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

RUBIM, Antônio Albino Canelas e COLLING, Leandro. **Mídia, cultura e eleições presidenciais no Brasil contemporâneo**. In: João Carlos Correia. (org.). Comunicação e Política. Covilhã: Universidade da Beira Interior, v.1, (2005), p.11-44.